

## **Zita de Andrade Lima: Lições do Magistério<sup>1</sup>**

Debora Cristina LOPEZ<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **Resumo**

O olhar de Zita de Andrade Lima sobre o rádio e o radiojornalismo é construído no decorrer de sua trajetória, como resultado de suas experiências profissionais e docentes e reverberam em toda a sua produção. Sua compreensão da prática radiojornalística como um fenômeno complexo que ao mesmo tempo não deve se afastar da formação humanista e do entendimento contextual dos acontecimentos é o ponto destacado neste artigo. Nele analisamos, a partir da trajetória da autora, suas contribuições e as possíveis reverberações delas no que são o rádio e o radiojornalismo contemporâneos.

**Palavras-chave:** rádio; radiojornalismo; ensino; Zita de Andrade Lima

Zita de Andrade Lima bacharelou-se em Jornalismo na primeira turma da Universidade Católica de Pernambuco. Foi bolsista de um curso de especialização do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL) em 1964, em Quito, no Equador. Desta experiência, derivou seu período de maior produção científica e de produção mais crítica. Foi em 1965 que foram publicados seus estudos mais críticos à docência em jornalismo de rádio, aos cursos de graduação e à maneira como se olhava para os comunicadores e para o meio em si. Este momento de sua vida profissional, aliado à sua experiência docente derivou na tentativa de sistematizar um olhar crítico e ao mesmo tempo funcional sobre a prática radiofônica. Este ponto de vista insere a obra de Lima no que Marques de Melo define como corrente técnico-editorial da pesquisa em jornalismo. “Nesta fase, detonada pelo golpe militar de 1964 e incentivada pela modernização das empresas jornalísticas e pela reforma pedagógica que impôs o currículo mínimo, surgem preocupações com a técnica jornalística” (SOUSA, 2009, p. 1744).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia, atualmente desenvolve estágio pós-doutoral junto à Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor). Email: [deboralopezfreire@gmail.com](mailto:deboralopezfreire@gmail.com)

O rádio e o radiojornalismo definem sua trajetória. Natural de Olinda (PE), acompanhou Luiz Beltrão, seu marido, a Brasília quando ele foi transferido e lá construiu sua carreira docente e acadêmica. Foi professora da Universidade de Brasília em 1967. Em 1969 atuava como docente de radiojornalismo na Faculdade de Filosofia Epiácio Pessoa, também em Brasília. Na mesma cidade, teve forte atuação no campo cultural, publicando livros, integrando associações literárias e culturais e trabalhando em jornalismo e relações públicas no serviço público federal (JBCC, 2004). Antes disso, ainda em Pernambuco, atuou no radiojornalismo – experiência que é fundamental para definir a sua compreensão do meio.

Em “Princípios e técnica de radiojornalismo”, livro publicado em 1970 e originário de sua dissertação de mestrado, buscou não só apresentar a história do que chama de jornalismo oral, mostrando sua trajetória e como cada período agiu sobre o seguinte e sobre o rádio que se produzia no momento, como construiu um manual que pretendia ao mesmo tempo nortear profissionais e estudantes de radiojornalismo e também defender o papel social do rádio, que, para a autora, tinha sua representação máxima no conteúdo e na abrangência regionais. Para Maluly (online), o livro foi um dos primeiros a refletir sobre as transmissões radiofônicas no país. Esta reflexão, acrescentamos, permite conectar uma base histórico-teórica de comunicação com um olhar sobre o lugar do rádio no início da década de 1970. O lugar de fala da autora, neste momento, reverbera no texto, explicitando nos argumentos as experiências vividas anteriormente e sua leitura sobre o radiojornalismo e as práticas pedagógicas que o envolvem.

Este é o olhar que nos interessa neste texto<sup>3</sup>: compreender o papel do magistério na relação de Zita de Andrade Lima com o rádio e com o radiojornalismo. Estudante, professora, pesquisadora, jornalista. Vários “eus” que conviviam na formação de uma compreensão sobre o meio e que podem ser identificados em sua obra, sendo fundamentais para o lugar que os textos produzidos por ela ocupam na bibliografia do rádio brasileiro.

### **O rádio de Zita**

A obra fundamental e mais conhecida de Zita de Andrade Lima é sua dissertação de mestrado, publicada como livro pela ICINFORM de Brasília, “Princípios e Técnica do

---

<sup>3</sup> Este artigo é uma versão revista do capítulo “Lições do Magistério”, publicado no livro “Zita de Andrade Lima: Pioneria do Radialismo no Brasil”, organizado por José Marques de Melo e Nair Prata.

Radiojornalismo”. Uma obra fundamentada e aplicável, mas que talvez não seja a principal contribuição da autora para o radiojornalismo. Sua principal contribuição, podemos dizer, está diluída em suas produções, preponderantemente as publicadas no ano de 1965, em que lança um olhar crítico e mais apurado sobre o ensino de jornalismo – e mais especificamente de radiojornalismo – no Brasil.

Mas como dissemos, “Princípios e Técnica do Radiojornalismo” deve ser vista como uma grande contribuição de Lima. Publicado em 1970, inicia os estudos acadêmicos sobre a prática profissional e até hoje, 45 anos depois, ainda aparece nas referências de textos da área, não somente como um marco histórico, mas por alguns dos conceitos que apresenta. Zita busca, em sua obra, oferecer um panorama do rádio para o estudante e o profissional. Reflexo de sua trajetória como comunicadora e como professora, recolhe argumentos no decorrer da obra para defender o meio como um espaço para o conteúdo regional bem pensado e elaborado com cuidado, explorando os potenciais que o rádio e a narrativa sonora oferecem em relação ao envolvimento e engajamento da audiência, falando de perto sobre os temas que afetam o cotidiano do ouvinte.

Organizado como um manual, o livro retrata as preocupações da autora com a cozinha do rádio. O fazer jornalístico, as possibilidades de construção da mensagem, o papel da tecnologia são apresentados de maneira pontual e aplicada, instrumental, para que possam ser compreendidos e utilizados no cotidiano da redação e por quem deseja conhecer o que é o rádio e sua função na ecologia de mídia do período.

Com o pé fincado na importância de conhecer a história e a evolução da comunicação oral para que se possa entender o meio, "Princípios e Técnica do Radiojornalismo" pretende ir além do texto de manual. Ele se apóia em autores de distintos campos para discutir o rádio, busca compreendê-lo pela história, pelas noções básicas de física aplicada à radiofonia, pelos estudos da narrativa sonora – reflexo de sua origem, a formação de mestrado da autora.

Uma das lacunas principais da obra reside na pouca fundamentação da argumentação sobre o jornalismo em si. Compreende-se, no entanto, esta ausência por duas perspectivas: a) a escassez como uma opção de Zita, que parte da compreensão do jornalismo construído pela comunicação, optando pelos esforços por desenvolvê-la como área mais do que investir no jornalismo como área. b) A contextualização temporal da obra. Ao localizar o livro no período em que foi produzido - política e editorialmente - é possível entender seu papel, visualizar no texto a presença da autora e suas atividades de

pesquisadora e docente reverberando em cada parágrafo, com um olhar mais centrado na comunicação. Como lembra Marques de Melo (2006), trata-se de um período politicamente frágil no Brasil, em que os pesquisadores de jornalismo de maneira geral preocupavam-se mais com a modernização das redações e o rádio começava a se recuperar da queda de audiência gerada pela disseminação da televisão no território nacional.

A ausência de obras que, naquele período, permitissem um adensamento do olhar sobre o jornalismo de rádio levaram Zita a compor um livro que revela a cada capítulo seu eu docente, com a crença no rádio regional, fundamental para o desenvolvimento do país e compreendendo especificidades dessa audiência regional. Este eu docente, podemos observar, não se descola do seu eu pesquisadora, mas complementa-o. Os estudos anteriores, a estada de pesquisa junto ao CIESPAL, o contato com obras internacionais e sua experiência em sala de aula e nas redações de rádio demarcam seu lugar de fala e seu ponto de vista sobre o meio.

A busca pela sistematização, ainda que breve, dos conceitos, parece reverberar demandas de sala de aula. As dicas de redação, as normas de apresentação de texto, a organização e breve explicação dos gêneros, a tentativa de construção de uma proposta de gêneros radiofônicos a partir do impresso parece refletir as necessidades das rotinas de sala de aula. Ao apresentar e discutir os gêneros e a prática do radiojornalismo, a presença de Zita jornalista e professora se intensifica. A experiência toma o texto apresentando e analisando exemplos, relatando rotinas e oferecendo dicas que buscam permitir ao comunicador uma compreensão das especificidades do rádio. Estas demandas, é importante observar, seguem em pauta nas discussões de ensino de rádio hoje, 45 anos depois da publicação da obra. Obviamente há que se olhar para o conteúdo de "Princípios e Técnica do Radiojornalismo" de maneira relativizada, considerando o momento em que foi escrito - reestruturação do rádio e de seu conteúdo, com maior investimento no jornalismo local e menor dedicação aos programas de auditório e conteúdo nacional -, mas não se pode desconsiderar o diálogo que ainda possui com a realidade do ensino nos bancos universitários.

O ensino de jornalismo, naquele momento, era questionado pela autora. Para ela, havia uma necessidade de contexto no ensino de jornalismo. Esta é uma das bases argumentativas das obras de Lima para compreender o papel do radiojornalismo regional e, principalmente, como o ensino de rádio se coloca diante desta realidade. “A cultura que se lhes proporcione nas aulas universitárias deve adquirir o sentido de uma ferramenta de

trabalho, e não a qualidade de uma referência de museu” (LIMA, 1965a, p. 107). A comunicação e o jornalismo devem ser construídos de forma contextualizada, considerando a cultura e o desenvolvimento local. Para a autora, a imprensa cumpre um papel fundamental do desenvolvimento social e econômico e essa realidade deve refletir-se no ensino de jornalismo. Observa-se, então, uma dificuldade em sistematizar e explicar como se daria este olhar contextualizado sobre a prática docente.

Embora as obras de Lima sigam o caminho de revelar os meandros da produção radiojornalística, explorando as experiências profissional e docente da autora e defendendo a regionalização do meio, não reverbera nos argumentos sobre a influência do rádio no desenvolvimento político e cultural. Não é possível detectar os caminhos a seguir para sistematizar esta relação e fazer com que ela se incorpore nas práticas jornalísticas. Este desafio mantém-se até os dias de hoje, levando pesquisadores a refletirem sobre as rotinas e o papel do meio na sociedade e como atender às suas responsabilidades sem que o comunicador mergulhe em uma produção automatizada e não reflexiva. “Uma das funções do jornalista é prescrutar o futuro, sugerir soluções com embasamento em uma cultura adquirida nas universidades” (LIMA, 1965b, p. 04). Lima defende que o jornalista, para cumprir este compromisso que tem com a sociedade, deve dominar o mundo cultural, considerando a cultura como não estanque, como transfigurável, com um caráter dinâmico que deve ser observado ao pensar o que se ensina, como se formam os jornalistas. Para ela, a formação de jornalistas deve contemplar mutações da sociedade e a reverberação que elas têm na atuação do comunicador e na influência que exerce na sua comunidade.

A autora defende a plena capacitação do comunicador, incluindo perspectivas que vão além da investigação de informações e acontecimentos, mas que influenciam direta ou indiretamente sua constituição narrativa, como base para o desenvolvimento da habilidade de falar e informar no rádio. “[...] é da maior importância estudar o som em si próprio, como meio de comunicação entre as consciências” (LIMA, 1965c, p. 44). Buscando sistematizar e propiciar aplicabilidade a estas questões, Zita Lima propõe, em distintos momentos, classificações relacionadas ao rádio. Uma delas diz respeito ao som e à voz. Para a autora, a voz exerce funções de representação (de perspectiva demonstrativa e informativa), expressão (que se relaciona com a emoção de quem fala) e apelo (que atua sobre o ouvinte, influenciando seu modo de pensar e agir) (1965c, p. 45).

A escola de jornalismo era então vista pela autora como um espaço de reformulação do conteúdo e atualização profissional. Mesmo que houvesse certa contradição entre este

posicionamento da autora e sua colocação sobre o lugar do jornalismo nas ciências da comunicação, Lima defendia abertamente a necessidade de diálogo entre academia e mercado e o investimento em jornalistas que compreendessem inclusive a fisiologia e a sociologia do som para que pudessem dominar a arte de falar e de transmitir a informação sonora. “Esta reformulação deve começar nas Escolas com vistas ao suporte científico, ao preparo dos rádiojornalistas, com a adoção de um grupo de disciplinas instrumentais próprias, além das teorias e práticas introdutórias ao exercício da profissão” (LIMA, 1971, p. 148).

Lima (1971) defende que os cursos de comunicação integram a cadeia produtiva do jornalismo e devem ser considerados nos processos de produção de conteúdo ao lado dos comunicadores e meios de comunicação. “Para que o rádio desempenhe as suas funções na Sociedade Contemporânea, se faz necessário introduzi nos nossos Cursos de Comunicação algumas modificações” (LIMA, 1965c, p. 51). Embora as modificações não sejam pontualmente apresentadas ou desenvolvidas na obra da autora, ela traz o mérito de buscar a contextualização e lançar um olhar crítico sobre a realidade do ensino de rádio no período. A crítica não se expandia ao ensino de jornalismo ou de comunicação de maneira geral, mas residia especificamente nas práticas radiofônicas, suas consequências para a sociedade brasileira e o papel do ensino de rádio neste cenário. O que a autora aponta é para a necessidade de mudanças que envolvam tanto questões técnicas quando de conhecimento geral, permitindo ao jornalista olhar os acontecimentos de um ponto de vista mais complexo e reforçando a ideia de que a comunicação e a imprensa carecem de uma formação mais geral e contextualizada, que não necessariamente permite à academia e aos estudiosos da área reunir esforços para desenvolver o jornalismo em relação às suas teorias e metodologias.

“As causas psicosociais e tecnológicas que os novos inventos criaram, exigem do rádio, por uma questão mesma de sobrevivência, uma reformulação dos métodos de trabalho, uma mudança radical na linguagem, no estilo e no conteúdo das mensagens, especialmente no campo da informação, ou seja, no campo do rádiojornalismo” (LIMA, 1971, p. 148). Observamos, em alguns textos, demandas similares às vividas hoje. Podemos dizer que em alguma medida o rádio apresenta uma história um pouco circular, constantemente desafiada pelas tecnologias e seus usos (KOCHHANN *et al*, 2011). Estes desafios levam a reinvenções, a novos conteúdos, a mudanças de perspectivas em seu papel e em suas rotinas. Um dos marcos da história do meio estava em desenvolvimento quando

Lima falava sobre ele: a regionalização do conteúdo (FERRARETTO, 2001). Este contexto revela-se na construção de seus argumentos em toda a sua obra.

Muito positivo – e em certa medida visionário para o momento em que foi escrito – é o olhar da autora sobre a relação com as audiências. Para Lima (1965c), o rádio deve se configurar a partir do interesse das audiências. Somente desta forma poderia cumprir seu papel na sociedade, contribuindo para seu avanço. Para falar efetivamente a um público é preciso conhecê-lo, compreendê-lo, ler suas demandas e atendê-las adaptando-se às mudanças que a sociedade impõe a cada dia.

As mensagens através do rádio só atingirão os seus objetivos, só alcançarão os seus efeitos, quando elaboradas com base em uma pesquisa científica, para seleção de públicos, identificação de anseios, de necessidades, de disponibilidades de escuta; em uma pesquisa para dosificar temas, assuntos, tipos de programas: nem muito acima, nem muito à frente do nível cultural dos ouvintes; programas nem herméticos, nem vulgares (LIMA, 1965c, p. 52).

Como lembra a autora em “Atualidade e Futuro do Rádio” (1969), a compreensão da audiência é determinante para o desenvolvimento do meio. O rádio, a partir deste momento, começa a falar a grupos e não mais a indivíduos. Como lembram Kochhann *et al* (2011) a tecnologia exerce um papel crucial na definição de como falar à audiência. Na história do meio, os comunicadores falam às famílias, aos sujeitos, aos grupos e subgrupos de acordo com o que oferecem os contextos de recepção. Esta mudança tecnológica revela também mudanças na postura do jornalista e acarreta, tendo como momento crucial as décadas de 1960 e 1970, em uma potencialização da segmentação e da regionalização do rádio. “Cada dia ganha mais prestígio a noção de um rádio-serviço, de um rádio posto ao serviço do ouvinte nas mil e uma dificuldades de sua vida cotidiana” (LIMA, 1969, p.327). Este rádio-serviço, reforçado neste período e defendido por Zita em grande parte de sua obra, permanece no rádio atual e tem ganhado mais força com a presença do meio nos dispositivos móveis e a redução da mobilidade nas cidades.

### **E o rádio atual?**

Olhar para o rádio na sociedade contemporânea a partir da perspectiva da pesquisadora pode se desenhar como um exercício interessante. Zita, há cerca de 45 anos, falava neste rádio-serviço, na segmentação e no olhar para a especificidade da audiência. O rádio do século XXI, expandido, como lembra Kischinhevsky (2014), lida agora com uma audiência múltipla e com contextos de consumo variados. A fruição agora é multimídia,

mudou o ponto de partida de seu caráter imersivo, explora as várias plataformas, mas ainda centra-se no áudio (LOPEZ, 2010), ainda fala ao sujeito e potencializou seu caráter regional. Seja hertziano, webrádio ou rádio na web (FERRARETTO, 2014), o meio mantém seu vínculo com a audiência a partir do interesse direto que desperta, da aproximação com seu ouvinte, das brincadeiras, das análises e da utilidade pública. Lopez (2009) e Ferraretto (2009) defendem a intensificação do conteúdo analítico no conteúdo sonoro como possível caminho para que o rádio se coloque nesta nova ecologia de meios (SCOLARI, 2015). Para a autora,

la complejidad de la narrativa sonora en producciones especiales apunta a una tendencia de la radio actual con la exploración de elementos estéticos y expresivos propios de la edad de oro del vehículo. Lo mismo es cierto cuando se considera la complejidad narrativa dedicada a la radio y el consumo multimedia en movilidad, especialmente cuando se trata de un público ampliamente conectado. (LOPEZ, mimeo).

Esta mudança no conteúdo, no perfil da audiência e no cenário sócio-cultural em que se insere o rádio é reflexo da chamada Cultura da Convergência (JENKINS, 2006) e reverbera tanto na conformação das práticas do jornalismo radiofônico quanto no ensino de rádio nas universidades. Estas mudanças, como defende Zaragoza (2002), demandam um novo perfil profissional, que para a autora deve ser flexível, adaptável, relacionar-se bem com mudanças em suas rotinas, ser poliglota, ter iniciativa, dominar as tecnologias e ter ao mesmo tempo capacidade de concentração. Observamos, no entanto, uma lacuna perigosa neste desenho profissional: a formação humanista.

Para Zita, esta formação ampla, cultural, contextual é fundamental para o jornalismo, embora não se deva, de acordo também com a autora, abandonar as relações com o mercado jornalístico. O que pode parecer uma contradição, pode revelar também uma interface com debates que surgiram depois nos estudos de jornalismo e nas teorias do jornalismo, que buscam uma aproximação entre o ensino e os problemas decorrentes das práticas, sem perder de vista o olhar crítico sobre a sociedade, suas relações e seu desenvolvimento (LOPEZ; MARITAN, 2015). No entanto, este olhar, de maneira geral, tem sido preterido nas faculdades e universidades, dando lugar à perspectiva técnica em detrimento de uma das habilidades principais da prática jornalística: a capacidade de olhar, escutar e ler o mundo e seus personagens, compreendendo a complexidade dos fenômenos e personagens, revelando os acontecimentos, suas nuances e, assim, revelando a notícia de maneira menos simplista ou reducionista.



O questionamento destas práticas, acreditamos, reverbera o que defende Zita e encaminha-se para a compreensão da universidade como um espaço responsável por uma formação não fragmentária do sujeito, permitindo assim que ele seja capaz de se relacionar com uma sociedade complexa (MORIN, 2000). Neste sentido, compreende os fenômenos a partir de seu contexto e entende que o domínio das técnicas é tão importante quanto a compreensão dos fenômenos comunicacionais para a constituição da prática radiojornalística e que ela se origina de um ensino mais denso e menos fragmentado.

### **Considerações Finais**

A cada dia mais o rádio fala ao sujeito, oferece serviços e informações úteis, regionaliza-se, como propunha a autora. Entretanto, ele cada vez mais está vinculado ao jornalismo. Explora os potenciais da voz, da estética radiofônica, dos cenários acústicos, da intimidade propiciada pela fala ao ouvinte através da construção de retratos do cotidiano, da vinculação a acontecimentos jornalísticos. E por isso, academicamente caminha para o desenvolvimento de teorias próprias. Algumas iniciativas merecem destaque no Brasil, como as produções de Eduardo Meditsch (2007) e Luciano Klöckner (2011). Os autores imprimiram esforços no desenvolvimento de estudos inéditos que permitiram construir, respectivamente, uma proposição teórica e metodológica que contribuem para a consolidação da área. Estes significativos avanços reverberam na forma como o radiojornalismo é estudado e como é ensinado nos bancos universitários. A partir da experiência de docentes e profissionais do rádio, assim como da vinculação destes a Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil, avança a compreensão sobre o meio. A partir destes esforços, o legado iniciado por Lima ao transpor as lacunas observadas em sala de aula e nas redações para os estudos de radiojornalismo segue em desenvolvimento.

Observamos que as lições do magistério vão além da atuação docente de Zita de Andrade Lima. Reverberam em seu eu estudante, como mostram seus diários. Dialogam com suas leituras e com sua compreensão do papel do jornalismo na sociedade – e também da formação acadêmica do jornalista. O magistério, assim, permeia a obra da autora. Na maior parte de seus textos ele está apresentado, explícito, mencionado, discutido. Nos demais, surge nas entrelinhas dos argumentos, nas análises realizadas, nas perspectivas apontadas. Mas antes de tudo, destacamos o olhar de Zita sobre o rádio e a compreensão que tinha, há quase 50 anos, do futuro do meio. Ela previu um rádio regional, dialogal, que

deve explorar a sonoridade e que deve falar a grupos específicos. Esta realidade se desenha no meio hoje, embora nem todas as proposições de Lima, principalmente no que se refere ao magistério, estejam presentes na sociedade atual ou tenham sido necessárias para esta configuração. Ao contrário do que previa, o contexto cultural não se fortaleceu nas universidades. Os currículos dos cursos de jornalismo tornaram-se mais diversificados em relação aos suportes e produtos e inserem discussões essenciais, como as teorias do jornalismo e da comunicação, os debates sobre metodologia de pesquisa aliadas à compreensão do contexto maior, da sociedade e das mutações pelas quais passam.

## REFERÊNCIAS

Falece Zita de Andrade Lima, a esposa de Luiz Beltrão. **Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Ano 7, N. 264 - São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil – novembro de 2004.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Rádio: Teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

\_\_\_\_\_. Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 32., 2009, Curitiba. Anais...São Paulo: Intercom, 2009. CD-ROM.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Compartilhar, etiquetar: interações no rádio social. **Comunicação, Mídia e Consumo**. 11(30), 2014, p. 143-162.

KLÖCKNER, Luciano. **Nova retórica e rádio informativo: estudo das programações das emissoras TSFPortugal e CBN-Brasil**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

KOCHHANN, Roscéli; FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina. Convergência tecnológica, dispositivos multiplataforma e rádio: uma abordagem histórico-descritiva. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Orgs.). **Mídia sonora em 4 dimensões: 1ª ouvintes e falantes, 2ª memória política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 281-296.

LIMA, Zita de Andrade. Resenha Bibliográfica. Periodismo y Universidad en America Latina. **Comunicação & Problemas**, 1965a.

\_\_\_\_\_. Situação atual dos meios de comunicação e sua influência no desenvolvimento político, cultural e sócio-econômico das nações. **IV Seminário Regional sobre Ensino de Jornalismo e Meios de Informação Coletiva**. Rio de Janeiro: CIESPAL, 1965b.

\_\_\_\_\_. A Palavra Falada. **Revista de Comunicação Social**. Fortaleza: UFC, 1965c.

\_\_\_\_\_. Atualidade e Futuro do Rádio. **Comunicação e Problemas**, 1969.

\_\_\_\_\_. **Princípios e Técnica de Radiojornalismo**. ICINFORM: Brasília, 1970.

\_\_\_\_\_. Rádio no Brasil. **I Congresso Nacional de Comunicação**. Rio de Janeiro: ABI, 1971.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo Hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: Labcom Books, 2010.

\_\_\_\_\_. Radiojornalismo e convergência tecnológica: uma proposta de classificação. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 32., 2009, Curitiba. Anais...São Paulo: Intercom, 2009. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **Rádios universitarias en escenario de convergencia: reflexiones sobre la formación profesional y el papel de las universidades**. (mimeo)

LOPEZ, Debora Cristina; MARITAN, Matheus. A evolução do método: memória das pesquisas experimental e aplicada nos estudos brasileiros de jornalismo. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 10., 2015, Porto Alegre. Anais...Porto Alegre: Alcar, 2015.

MALULY, Luciano. André ouve e ensina os princípios do rádio. **Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/41.pdf>, acesso em 03 maio 2015.

MARQUES DE MELO, José. A recepção das ideias de Wilbur Schramm no Brasil. **Revista Alaic**. Ano 04, Núm 06, jan-jun 2007.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Jornalismo: Identidades Brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2.ed. Florianópolis: Insular; Ed. UFSC, 2007.

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

SCOLARI, Carlos. **Ecologia de los medios**: entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Gedisa, 2015.

SOUSA, Jorge Pedro. Revisitando o pensamento jornalístico de José Marques de Melo. **VIII Congresso da Lusocom**. Lisboa, 2009. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/65/43>, acesso em: 03 maio 2015.

ZARAGOZA, Claudia. “Periodismo en la convergencia tecnológica: el reportero multimedia del Distrito Federal”. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**. Ano XLV, Num 185, mai/ago 2002.